

Uma morte a cada quatro dias: povo Xikrin é o mais afetado pela Covid-19 no Pará



19 Junho 2020

A A

Desde o dia 22 de maio, sete indígenas morreram na [Terra Indígena Xikrin do Cateté](#), onde há 270 casos positivos em uma população com menos de 2 mil pessoas, uma letalidade 40 vezes maior que a do **Brasil**.


A reportagem é de **Naira Hofmeister** e **Fernanda Wenzel**, publicada por [Agência Pública](#), 17-06-2020.

“Nas aldeias tem choro dia e noite e as pessoas estão desesperadas.” É assim que o jovem **Yan Xikrin** (24 anos), filho de um dos caciques da **Terra Indígena (TI) Xikrin do Cateté**, descreve a situação de seu povo depois que sete óbitos por [Covid-19](#) foram registrados nas três últimas semanas. Desde o dia 22 de maio, quando o guerreiro **Bemok Xikrin** (72 anos) morreu sem ar em um leito de

hospital em **Marabá**, os **Xikrin** não passaram mais de sete dias sem lamentar a perda de algum parente, como eles costumam chamar os seus. A morte mais recente aconteceu na manhã do dia 10 de junho, quando o velho **Topan Xikrin** entrou para as estatísticas.

“Nós estamos com muito medo. Na minha família, sete pessoas já estão falecidas dessa doença”, explica **Bekroti Xikrin**, presidente do instituto que representa as cinco aldeias da etnia, que ocupa uma área de 439 mil hectares no sudoeste do **Pará**, a mais de 400 quilômetros de **Marabá**.

Além de **Bemok**, outros três guerreiros idosos faleceram: **Teptap**, **Ikrore** e **Anoyre**. Eram figuras importantes para a etnia, como denota o título que possuíam. Guerreiros são os que enfrentam provas de resistência e demonstram conhecimento de suas tradições culturais. Nas aldeias se fala muito pouco português e o respeito aos velhos é levado a sério: eles são os guardiões da memória indígena.

Por essas razões, a morte mais sentida até agora foi a de **Bep Karoti** (63 anos), cacique da aldeia **Pokro** e referência para toda a população da **terra indígena**  “Era uma liderança muito forte física e espiritualmente. Ele já reinava quando outros caciques de hoje eram crianças”, descreve **Patrícia Alves Pereira**, uma não indígena que assessora o instituto.

O sétimo óbito foi **Irenhoti**, mulher de 21 anos sobre a qual pouco se **sabe**. **Botxiê Xikrin**, o centenário ancião e autoridade máxima da etnia, também se contaminou e foi hospitalizado. Pelo menos 270 indígenas já testaram positivo para o **novο coronavirus**, segundo **Yan Xikrin**.

Os **Xikrin** não são o único povo a sofrer com a pandemia. Dados da **Fiocruz** mostram que a população indígena é a que mais morre entre doentes que procuram hospitais: 48% contra 28% dos brancos, 36% dos pretos e 40% dos pardos. A ciência já sabe que a **vulnerabilidade dos povos nativos aos vírus** é alta em razão do contato mais recente. Somam-se a isso a distância que precisam percorrer para encontrar atendimento médico de média e alta complexidade e as dificuldades de estabelecer um sistema de isolamento em culturas nas quais o compartilhamento de espaço é a regra. Até o dia 14 de junho, 249 indígenas haviam morrido com o novo coronavírus no **Brasil**, segundo a **Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab)**

das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab).

Oficialmente, a **Sesai**, vinculada ao **Ministério da Saúde**, registra um número bem menor de óbitos: 103.

Contaminação por Covid-19

	% de contaminados	Total contaminados	População*
Xikrin	14,8%	270	1.818
Canaã dos Carajás	3,7%	1.381	37.058
Paraupébas	2,08%	4.325	208.273
Ourilândia	1,39%	457	32.832
Pará	0,7%	60.636	8.602.865
Marabá	0,46%	1.285	279.349
Média Brasil	0,35%	742.477	210.147.125

Fontes: Brasil.io; IBGE e Funasa

*Os dados populacionais para os Xikrin são da Funasa (2010). O restante são estimativas do IBGE para 2019.

Publica

Larissa Fernandes/Agência Pública

Mas a [TI Xikrin do Cateté](#) tem uma condição ainda mais preocupante: lá, foi registrado o segundo maior número de mortes entre todas as 65 áreas indígenas identificadas pela **Funai** no **Pará**, embora a população total da área demarcada não chegue a 2 mil pessoas. No **Brasil**, apenas quatro de 78 etnias registraram mais óbitos por [Covid-19](#), do que os **Xikrin**, segundo os dados mais recentes da **Coiab**.

Letalidade por Covid-19

	Letalidade		Total contaminados	Mortes
Marabá	8,48%		270	109
Pará	6,43%		1.381	3898
Xikrin	2,59%		4.325	7
Paraupébas	2,03%		457	88
Canaã dos Carajás	1,3%		60.636	18
Ouritândia	0,22%		1.285	1
Média Brasil	5,19%		742.477	38.522

Fontes: Brasil.io; IBGE e Funasa

Publica

Larissa Fernandes/Agência Pública


A incidência da doença entre os **Xikrin** é muito maior do que nos municípios ao redor da **terra indígena** e mais de 40 vezes maior do que no **Brasil**, considerando-se os dados populacionais de 2010, os últimos disponíveis, e as informações sobre contaminados no site **Brasil.io** em 10 de junho. Também é alta a diferença de letalidade entre quem contrai a doença dentro e quem é acometido fora da área demarcada.

Mineração é fator de vulnerabilidade

Grande parte da população **Xikrin** possui fatores de risco para **Covid-19**, afetados por diabetes, pressão alta e doenças cardíacas, fenômeno que não ocorre com outros indígenas da região. “Os técnicos de enfermagem da **Sesai** indagam-me por que os **Xikrin** da **Terra Indígena Cateté** apresentam tantas doenças, ao contrário dos **Suruí** e **Parakanã**”, escreveu o médico endocrinologista **João Paulo Botelho Vieira Filho** em um relatório de março de 2020. Professor da **Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)**, ele estuda a saúde dos **Xikrin** há décadas, desde que publicou em

(Unnesp), ele atende a saúde dos **Xikrin** na década, desde que aplicou as primeiras vacinas nesse povo, quase dizimado, entre 1950 e 1970, pelas [doenças contraídas no contato com os brancos](#): no pior momento, a população total eram exatos 92 indivíduos.

O problema, alerta o médico, é a contaminação das águas do **rio Cateté**. “Atualmente suponho que os causadores das doenças dos **Xikrin** possam ser os metais pesados”, completa **Vieira Filho**. A hipótese foi confirmada em março deste ano por um laudo da **Universidade Federal do Pará** e entregue ao **Ministério Público Federal**. “Não se tem mais dúvidas quanto a responsabilidade do empreendimento [Onça Puma](#) na contribuição para a contaminação do **Rio Cateté**”, escreveu o engenheiro **Reginaldo Saboia de Paiva**, após uma expedição à **TI** para colher amostras de água. Suas análises já haviam comprovado anteriormente a presença de chumbo, ferro, cobre, níquel e cromo em teores acima das quantidades admitidas no **Rio Cateté**, usado pelos indígenas para tomar banho, cozinhar e pescar – como a **Agência Pública** relatou em 2017.

“Os **Xikrin** estão se alimentando com mandiocas, macaxeiras, batatas- doces, em processo de amolecimento dessas raízes nos rios **Cateté** e **Itacaiúnas**, com altos níveis de chumbo e cádmio. Metais terríveis pelas consequências no cérebro, rins, ossos e demais órgãos vitais”, alerta o médico em seu texto recente. 

Ubirajara Sompré, indígena do **povo Gavião** que trabalha como apoiador técnico da **Sesai**, chama atenção para os riscos psicológicos que a ameaça traz. “Já tem muita pressão pela poluição do minério, pelo desmatamento. Agora junta essa situação da pandemia, fica muito complicado. Se você pega um **coronavírus** desses, com a água contaminada, a imunidade com certeza é muita baixa”, explica.

A preocupação com a relação entre [a atividade mineradora e a vulnerabilidade dos povos indígenas à Covid-19](#) levou a **Associação Brasileira de Antropologia** a emitir uma nota, em 11 de maio, condenando a contaminação dos rios, “um quadro que exige medidas urgentes, em particular dos **Ministérios da Saúde (MS)**, do **Meio Ambiente (MMA)** e da **Justiça e Segurança Pública (MJSP)**”. “Em um **contexto epidêmico de Covid-19**, estes problemas ampliam os riscos desta **população indígena**. Ela fica ainda mais propensa a desenvolver casos de complicação que podem desembocar em óbito”, afirmam os antropólogos.

A [Vale](#) nega que seja a origem da contaminação, mas o caso ainda está sendo discutido na **Justiça Federal**. “A [Vale](#) reforça que sete laudos elaborados por peritos judiciais (engenharia metalúrgica, biólogo/ictiofauna, sociológico, agrônomo, engenharia florestal, engenharia civil e geologia) nomeados pelo **Juiz Federal de Redenção**, concluíram que a operação do empreendimento de **Onça Puma** não é a fonte da contaminação do **Rio Cateté**, e sua regularidade operacional.” Porém, em seu mais recente **Formulário de Referência**, entregue à **Comissão de Valores Mobiliários (CVM)** em 29 de maio, a empresa classifica o processo como uma “perda possível, haja vista ainda estar em fase de instrução, sendo que a perícia técnica requerida pelas partes ainda não foi concluída”.

Desde 2015, a Justiça determinou em três oportunidades a suspensão das atividades de **Onça Puma** – a última ocorreu em fevereiro do ano passado e foi desrespeitada pela Vale, que só cumpriu plenamente a determinação a partir de junho. Três meses depois, o presidente do **Supremo Tribunal Federal (STF)**, **Dias Toffoli**, autorizou a retomada das operações da usina de níquel.

Além de **Onça Puma**, outras duas operações da [Vale](#) preocupam os **Xikrin**: eles ingressaram na Justiça contra irregularidades no licenciamento da mina de [Salobo](#), maior projeto de cobre da **Vale** e acusam problemas no **megacomplexo S11D**, a maior mina de ferro do mundo, que explora o minério no subsolo da **Floresta Nacional dos Carajás**.

Municípios próximos estão em colapso

A nota da **Associação Brasileira de Antropologia** chama atenção para o fato de as águas do **Cateté** alimentarem a calha do rio **Tocantins**, “um dos principais cursos d’água da **Amazônia Oriental** brasileira, e fonte de abastecimento de [água da população ribeirinha](#) de vários núcleos urbanos”. Por isso, observa, “o dano ambiental e à saúde humana abarca um território bem mais amplo do que o situado no interior e no entorno imediato do espaço ocupado pela [atividade de mineração](#)”.

De fato, na cidade de **Parauapebas**, onde está parte do território **Xikrin**, mais de 6 mil pessoas testaram positivo para **Covid-19**, segundo a Secretaria Estadual de Saúde do Pará, e 98 morreram (o dado consolidado pelo **Brasil.io** e utilizado

nos gráficos acima é menor). A cidade, de 200 mil habitantes, só perde para a capital **Belém**, situação que preocupa o prefeito **Darci Lermen (MDB)**. Ele afirma que a maioria dos casos registrados na cidade é de trabalhadores da **Vale S.A.** e se diz preocupado com a aglomeração provocada pela atividade.

“O governo federal determinou que a mineração é atividade essencial, por isso não tive poder de parar **Salobo** no *lockdown*. E grande parte dos casos vem de lá. Os trabalhadores viajam quase duas horas de ônibus até a mina, e são milhares indo e vindo todo dia. É natural que esse vírus se propague com muita facilidade”, lamenta.

Em resposta, a **Vale S.A.** informa que “está trabalhando com um contingente mínimo de pessoas” em suas operações e adotou, nos casos possíveis, “*home office*”, já em 16 de março. Trabalhadores com idades acima de 60 anos ou com fatores de risco estão sendo orientados a ficar em casa. Nas unidades da empresa, há desinfecção constante e o uso de máscaras é obrigatório, entre outras medidas. Alegando “respeito à privacidade de seus empregados”, a mineradora não informou o número de trabalhadores infectados nas unidades da região.

Nesta segunda-feira (15), o **Conselho Indigenista Missionário** afirmou que em maio houve uma explosão de casos de **Covid-19** entre trabalhadores do **Complexo Carajás**, em **Parauapebas**. É o município mais próximo da entrada da **TI Xikrin do Cateté** para onde vão os indígenas quando precisam fazer compras ou sacar o **Bolsa Família** – e agora também o [auxílio emergencial liberado pelo governo federal](#). “Eles buscam regularmente a cidade. Isso é um problema neste momento”, observa a promotora do **Ministério Público Estadual, Crystina Morikawa**. A vara cível que ela comanda vem articulando com a prefeitura municipal ações de prevenção e redução dos riscos de contágio entre os **Xikrin**.

Agora, a prefeitura entregou cestas básicas para evitar que os indígenas precisem ir até a cidade comprar mantimentos. A **Vale** destinou kits com água sanitária, sabão em barra, sabonete e pasta de dente para os **Xikrin**, mas a ajuda chegou apenas na primeira semana de junho.

“Só depois da morte do cacique é que as autoridades começaram a agir, e não foi por iniciativa delas, mas da própria comunidade”, denuncia **Yan Xikrin**, referindo-se à morte do cacique **Bep Karoti Xikrin**, ocorrida em 30 de maio.

O Exército também entrou em campo e, com a **Sesai**, montou uma estrutura de atendimento emergencial em uma escola da terra indígena. Um redário foi instalado para isolar as pessoas contaminadas do restante da comunidade, e tubos de oxigênio foram trazidos para os casos mais graves.

A promotora **Crystina Morikawa** batalha para que seja possível a reabertura de outro espaço que poderia servir ao isolamento dos indígenas em tratamento: a Casa do Índio, mantida pela **Vale S.A.**, mas fechada para reformas no final do ano passado e ainda sem perspectiva de reinauguração. É mais uma discussão que foi parar na Justiça, porque, enquanto os **indígenas** pedem a ampliação do espaço para atender melhor a população, a **Vale** insiste em apenas restaurar a estrutura já existente.

Medo de morrer fora da terra indígena dificulta atendimento

A morte de **Topan Xikrin**, no dia 10 de junho, é ilustrativa de outro problema que as equipes de saúde enfrentam para poder cuidar dos [indígenas doentes](#). O idoso estava com saturação de oxigênio muito baixa e precisava ser tratado em hospital, mas resistiu até o fim ao traslado à cidade. “Está sendo difícil retirar os anciãos das aldeias. Eles ficam com medo de não voltar, principalmente depois que disseram que iriam enterrar na cidade os que morressem”, observa **Ubirajara Sompré**, da **Sesai**.

Quando foram confirmadas as primeiras mortes, em 22 e 23 de maio, de fato a primeira decisão da prefeitura e da **Sesai** foi determinar que os enterros deveriam ocorrer na cidade – mas o **Ministério Público Federal** interveio e garantiu que os funerais fossem realizados dentro do **território indígena**, seguindo as orientações de precaução para evitar o contágio.

Para os **Xikrin**, a ideia de um parente morrer sozinho em uma **UTI** é terrível. Na sua cultura, quando uma pessoa querida morre, o corpo é colocado sobre palhas de babaçu. As mulheres raspam a cabeça do morto e pintam seu corpo. Segundo **Yan Xikrin**, depois de um dia e uma noite chorando nos funerais, os familiares enterram o parente e se afastam da aldeia para viver o luto. “Geralmente, são cerca de 20 a 30 pessoas da família que vão para dentro do mato e ficam ali uns dois meses, sem contato com ninguém”, conta **Yan**.

Agora, com a pandemia se alastrando, vários outros grupos deixaram as aldeias em

Agora, com a pandemia se aprofundando, vários outros grupos deixaram as aldeias em direção à mata, na tentativa de se protegerem da doença. Mas nesse caso o movimento gerou preocupação para as lideranças. “Meu receio é que vá alguém doente e acabe morrendo lá dentro, sem a gente ter conhecimento”, desabafa o jovem **Yan**.

Leia mais

- [“A morte está vindo muito rápido em meu povo”, diz professora Kokama sobre a Covid-19](#)
- [Mineração e a morte que corre nos rios da Amazônia. Entrevista especial com Gerônimo Rocha](#)
- [Desmatamento e poluição das águas coloca em risco as populações ribeirinhas e a sobrevivência do rio São Francisco](#)
- [Indígenas temem barragem de Salobo](#)
- [Os povos indígenas Xikrins e Kaiapós serão indenizados por Mineradora](#)
- [Vale provoca minério-dependência e insufla população contra os índios no sul do Pará](#)
- [Movimento dos Atingidos por Barragens denuncia novo crime da Vale](#)
- [Na pandemia, governo acelera trem de minério sobre povos das regiões mineradas. Entrevista especial com Tádzio Coelho](#)
- [Novos conflitos no Pará: a disputa entre os Xikrin e a Vale no empreendimento Onça Puma. Entrevista especial com Ubiratan Cazetta](#)
- [Primeiro indígena aldeado a morrer por covid-19 é de área próxima a garimpo ilegal](#)
- [A fumaça dos minérios põe em risco todas as Terras Indígenas. Entrevista especial com Bruno Milanez](#)
- [Covid-19 ameaça povos indígenas da Amazônia](#)
- [Mais de 200 terras indígenas na Amazônia têm alto risco para Covid-19](#)
- [Coronavírus: “Um ancião indígena que morre é uma perda para toda a humanidade”, diz Márcio Meira](#)
- [Na iminência de um ataque, povo Xikrin luta para defender seu território](#)
- [No sudeste do Pará, indígenas enfrentam pandemia com falta de estrutura, demora nos testes e risco de fome](#)
- [Homenagem a Bepkaroti Xikrin](#)
- [Indígenas Xikrin abrem nova batalha judicial contra a Vale](#)
- [A necropolítica brasileira e sua origem na guerra colonizadora. Entrevista especial com Eduardo Mei](#)



 Comunicar erro

NOTÍCIAS RELACIONADAS

Quinto vazamento de petróleo do ano pinta de preto a Amazônia peruana

Horas depois do Dia Internacional dos Povos Indígenas, as imagens de fontes de água da Amazônia tingidas de petróleo volta[...]

LER MAIS

A batalha do maracá contra o cassetete e a gravata

"Foi gratificante acompanhar não apenas uma semana de mobilização pelos direitos dos povos e comunidades indígenas e tradicion[...]

LER MAIS

“PEC 215 não é prioridade na minha agenda”, diz presidente da Câmara

O presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), sinalizou que, por decisão própria, não pretende pautar propostas polêmicas co[...]

LER MAIS

Plano de Saúde Acessível ou o desmonte do SUS?

"A proposta colocada por Barros é ilegítima e inconstitucional, pois não respeita o artigo 196 da CF que, de forma, muito cla[...]

LER MAIS

DEIXE SEU COMENTÁRIO







Enviar 

